

Representações Sociais acerca do processo de Envelhecimento no meio rural

Social Representations about the aging process

Representaciones Sociales sobre el proceso de envejecimiento

Jaqueline da Silva Pereira

Nathana da Silva Siqueira

Priscilla de Oliveira Reis Alencastro

Kayla Araújo Ximenes Aguiar Palma

Melissa Agostini Lampert

Aline Sarturi Ponte

Miriam Cabrera Corvelo Delboni

RESUMO: Este estudo tem como objetivo identificar e analisar as representações sociais da velhice entre idosos moradores da uma região rural do centro do Rio Grande do Sul. A investigação caracterizou-se como um estudo qualitativo, realizado com 16 (dezesesseis) idosos residentes da zona rural de um município da região central do estado do Rio Grande do Sul. Os resultados apontaram que, dentre os pesquisados, a percepção da velhice é, em sua maioria, positiva, bem como a percepção dos idosos na relação familiar.

Palavras-chave: Representações Sociais; Envelhecimento; Relações sociais.

ABSTRACT: *The present study sought to unveil the meaning of aging for the elderly resident of the rural environment, and their perception about the family relationship. The research was characterized as a qualitative study, conducted with 16 (sixteen) elderly residents of the rural area of a municipality in the central region of Rio Grande do Sul. The results showed that among those surveyed the perception of old age is mostly positive as well as the perception of the elderly in the family relationship.*

Keywords: *Social Representations; Aging; Social relations.*

RESUMEN: *El presente estudio buscó revelar el significado del envejecimiento para los ancianos que viven en áreas rurales, y su percepción de las relaciones familiares. La investigación se caracterizó como un estudio cualitativo, realizado con 15 (quince) residentes mayores del área rural de una ciudad en la región central de Rio Grande do Sul. Los resultados mostraron que, entre los encuestados, la percepción de la vejez también es mayormente positiva. como la percepción de los ancianos en la relación familiar.*

Palabras clave: *Representaciones sociales; Envejecimiento; Relaciones sociales.*

Introdução

Na sociedade atual, o envelhecimento tem sido considerado um importante fenômeno social, devido ao aumento da longevidade, redução da taxa de natalidade, levando conseqüentemente, ao aumento da população idosa e da longevidade (Couto, 2005; Ferreira-Alves, & Novo, 2006; Hartmann, 2008; Moreira, & Nogueira, 2008).

De acordo com Beltrão, Camarano e Kanso (2004), espera-se que o contingente de idosos atinja a magnitude de aproximadamente 30,9 milhões de pessoas, no ano de 2020, vindo a representar 14% da população brasileira, ocupando, então, o sexto lugar na classificação mundial (Inouye *et al.*, 2008). Essa alta taxa de crescimento fez com que, na virada do século, a população brasileira de idosos/as apresentasse um crescimento oito vezes maior quando comparado às taxas de crescimento da população jovem (Camarano *et al.*, 1999). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2025 existirão aproximadamente 1,2 bilhão de pessoas com mais de sessenta anos em todo o mundo, sendo a faixa etária com maior crescimento (Elsner *et al.*, 2007).

Diante dos dados apresentados torna-se importante a compreensão sobre o que é velhice Beauvoir (1990) a define “(...) como um fenômeno biológico com reflexos profundos na psique do homem, perceptíveis pelas atitudes típicas da idade não mais jovem nem adulta, da idade avançada” (p.15). Nesse sentido, a autora atribui a este conceito algo incomum, subjetivo, e que adquire conotações funcionais e relacionais para se fazer coerente.

Muitas definições tentam caracterizar a velhice, sendo que a maioria dos conceitos se referem à velhice como um processo multideterminado, com modificações sociais, físicas, psicológicas, biológicas, culturais, econômicas e políticas.

Temos a velhice como uma etapa do ciclo vital que é vista de forma frequente como um período de estagnação e fim da vida, sem nenhum desenvolvimento ou crescimento (Araújo, Amaral, & Sá, 2014; Lamond *et al.*, 2009).

A despeito, porém, da insistente classificação etária e da previsão da incidência com mais agudez de doenças pelo avanço da idade (Lodovici, & Concone, 2020), há “indivíduos relativamente jovens com dependências mais comuns aos mais idosos e pessoas de 80, 90, até 100 anos que permanecem saudáveis e autônomas” (Minayo, & Firmo, 2019, p. 4). Muitos indivíduos mantêm, pois, suas vidas ativas e significativas, sem desenvolver patologias ou complicações.

A constituição das representações sociais é elaborada a partir do senso comum, surgindo de um processo da interação de dois mecanismos internos simultâneos e de natureza psicológica e social que são denominados como objetivação e ancoragem. Na objetivação, as ideias abstratas transformam-se em imagens concretas por meio do reagrupamento de ideias e imagens enfocadas no mesmo tema, de modo a registrar o objeto no mundo do indivíduo. Já a ancoragem une-se à identificação da imagem criada pela objetivação, sendo que estas novas imagens se unem às anteriores, inserindo-se ao pensamento pré-existente e reconhecido socialmente, permitindo, desse modo, a nomeação e a classificação de novos conceitos (Jodelet, 1986; Moscovici, 2012).

Desse modo, conhecer e refletir acerca do processo de envelhecimento é extremamente importante. No caso deste estudo, as discussões serão voltadas para o processo de envelhecimento no meio rural, pois se busca, através deste conhecer, os diferentes modos de vida da população idosa nesse contexto. Este estudo baseia-se na teoria das representações sociais dos idosos residentes no meio rural de um município da região central do RS, que tem como pressuposto verificar o que é o processo de envelhecimento para os mesmos, objetivando compreender os significados e aspectos simbólicos que compõem as representações sociais. Os relatos exprimem uma atitude coletiva, expressam o que o imaginário popular cria e recria, trazendo à tona bases de mecanismos de poder e controle social que influem na escolha individual do uso da substância (Jodelet, 2001). A representação social é um processo de difusão de conceitos que implica sobre o comportamento, por meio da história e cultura, não sendo somente de base cognitiva (Moscovici, 2003).

As representações sociais se constituem como sistemas de interpretação que permeiam a relação com o mundo e com as demais relações; as mesmas funcionam como forma de orientar e organizar as condutas estando ligadas a ideologias e à cultura (Jodelet, 2001). Dessa

forma, o estudo das representações sociais permite a compreensão das crenças e pensamentos compartilhados pelos participantes em questão com as supostas implicações comportamentais que as mesmas têm no cotidiano (Moscovici, 2003). Diante das premissas já mencionadas, esta investigação teve como objetivo identificar e analisar as representações sociais da velhice entre idosos moradores da uma região rural do centro do Rio Grande do Sul.

Método

Procedimentos metodológicos e éticos

O estudo caracteriza-se como uma abordagem qualitativa. Este respeitou a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sob o número 23081.003310/2018-66.

Local e Participantes do Estudo

O estudo foi realizado na área rural de Silveira Martins, município localizado na região central do estado do Rio Grande do Sul (RS). Este município tem aproximadamente 2.384 habitantes (IBGE, 2020) e é considerado o berço da Quarta Colônia de imigração italiana no Brasil.

Este estudo respeitou os seguintes critérios de inclusão: idosos de ambos os sexos, todas as raças e classes sociais, que residiam na área rural do município de Silveira Martins (RS), também foram levados em consideração os pressupostos da OMS que consideram como idoso o indivíduo com idade igual ou superior a 60 anos para países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil (OMS, 2005). Os critérios de exclusão foram: idosos não residentes do município de Silveira Martins (RS), idosos da área urbana do município, adultos, adolescentes e crianças.

Participaram deste estudo 16 idosos residentes da área rural do Município de Silveira Martins (RS), sendo onze mulheres e cinco homens; a idade dos participantes variou entre 60 e 90 anos.

Procedimento de Coleta dos dados

No que se refere ao período de coleta de dados, a mesma se articulou com a duração de dois semestres letivos (segundo semestre de 2018 e primeiro semestre de 2019), levando em consideração o tempo da realização das entrevistas, análise dos dados e conclusão do estudo.

Os idosos foram convidados individualmente a participar do estudo, durante o convite era apresentado aos mesmos: o objetivo do estudo, como seria realizada a coleta dos dados, quais as informações a serem levantadas, que sua participação era voluntária, que poderia desligar-se da pesquisa a qualquer momento, que sua identidade seria mantida em anonimato, garantindo o sigilo. Após os esclarecimentos e a compreensão do idoso sobre as informações dadas, este consentia a sua participação através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ressalta-se que as identidades dos idosos entrevistados foram mantidas em sigilo; sendo assim, os idosos participantes foram identificados pelo seguinte código IP1, IP2, IP3 e, assim, consecutivamente.

A coleta de dados deste estudo foi realizada a partir de uma entrevista semiestruturada; as questões que compunham este instrumento levantaram informações referentes ao sexo, idade, e três questões abertas apresentadas no quadro 1.

Quadro 1 – Questões sobre a percepção do processo de envelhecimento

Questões
1. O que é para o senhor ou senhora envelhecer?
2. O que entende como envelhecer no meio rural?
3. O senhor ou senhora percebe ser diferente envelhecer no meio rural e no meio urbano?

Fonte: elaborado pelos autores

Análise dos dados

Os dados deste estudo foram analisados respeitando os critérios do método de Análise de Conteúdo. Esta foi realizada a partir das respostas dos idosos de três questões abertas da entrevista semiestruturada descritas, no Quadro 1.

A Análise de Conteúdo propõe alguns passos para o tratamento dos dados (Bardin, 2004): 1) A Transcrição, neste primeiro momento transformam-se os dados coletados em texto; 2) Preparação, neste passo, das informações obtidas através da transcrição que foram submetidas a um processo de leitura de todos os dados, seguido da decisão sobre quais os dados coletados a partir das falas dos idosos que melhor forneciam subsídios para as

discussões sobre representações sociais; 3) Na codificação os dados foram preparados, neste passo, para se realizar o processo de unitarização, que consiste em transformar os dados escolhidos (representações) em unidades de registro (codificação). Estas unidades são os segmentos do conteúdo, com significados semelhantes, que foram, posteriormente, categorizados. “A escolha das unidades de registro deve responder de maneira pertinente às características do material e aos objetivos da análise” (Bardin, 2004, p. 104); 4) Na Categorização, realiza-se a classificação das unidades de registro. Consiste num agrupamento das representações comuns aos participantes, podendo ser por semelhança ou analogia, baseando-se em critérios pré-estabelecidos. Neste estudo, os critérios foram de natureza semântica, que é o que dá origem às categorias temáticas. Esta escolha teve como alicerce a definição do problema de pesquisa, dos objetivos e elementos usados na Análise de Conteúdo. O processo de categorização organiza-se pela classificação dos “elementos em categorias, impo-se a investigação do que cada um deles tem em comum com outros. O que vai permitir seu agrupamento é a parte comum existente entre eles” (Bardin, 2004, p. 118). O ato de classificar impõe certa organização aos dados da pesquisa. Também, foi realizado um mapeamento das categorias, na tentativa de fazer uma construção articulada das possíveis representações sociais; 5) Interpretação, com esta etapa podendo ser definida como uma procura de compreensão mais aprofundada dos conteúdos das representações sociais surgidas através das entrevistas realizadas. Ela implica um movimento novo de pensamento, uma construção criativa de possíveis significados (Bardin, 2004).

A interpretação transcende a categorização dos dados. Thompson (2002 p. 376), afirma que “os dados representam algo, dizem alguma coisa sobre algo. É esse o caráter transcendente que deve ser compreendido pelo processo de interpretação”. A interpretação também é a possibilidade de o entrevistador reinterpretar o recorte do real pré-interpretado pelos participantes da pesquisa. Por isso, o processo de interpretação é simultaneamente um processo de reinterpretação. Este processo caracteriza-se pela “representação de uma representação em virtude da similaridade de conteúdos” (Sperber, 2002, p. 118). A reinterpretação também nos dá margem para compreender e discutir as intenções de um outro, que é diferente.

Quanto às categorias, estas foram representadas em: positivas, negativas, uma visão ativa (aliada à manutenção da atividade e, ao envelhecer, como processo natural), uma percepção fragilizada societária ao contexto familiar e uma representação positiva com apoio familiar adjunta aos arranjos e rede de apoio familiar.

Para se chegar a essa categorização, fez-se Análise de Conteúdo das falas dos entrevistados que, de acordo com Quivy e Campenhoudt (1998), é um método complementar da entrevista, com o objetivo de tratar o máximo possível a informação de forma sistemática.

Resultados e Discussões

Após o processo de análise dos dados, duas categorias emergiram entre as informações obtidas, são elas: (1) Compreendendo o envelhecimento no espaço rural; e (2) Percepções dos idosos sobre suas famílias.

(1) Compreendendo o envelhecimento no espaço rural

Beauvoir (1990) ressalta que o envelhecimento é compreendido em sua totalidade, no momento em que se leva em conta também os aspectos culturais. Goldfarb (2006) complementa esta discussão ao mencionar a importância da subjetividade como aspecto preponderante no envelhecimento e na melhoria da qualidade de vida. Portanto, percebe-se que as pessoas envelhecem de forma particular, obedecendo a uma rede de normas, costumes e tradições advindos da comunidade, imbricados em um processo formador de suas identidades. No que se refere à imagem de si, os depoentes em foco, em sua maioria, não se sentem velhos, apesar de terem conhecimento da idade deles, conforme observado no relato:

“Hoje posso dizer que não sou velha, sou nova, sou jovem, sou jovem, mas já estou com 75 e Deus sabe quanto tempo ainda Ele vai me deixar aqui na terra. Espero que Ele me deixe a idade que minha mãe partiu, 93 aninhos, mas é Deus quem sabe, quanto tempo ainda vou viver aqui, mas eu me sinto jovem, eu estou assim muito feliz por chegar aos 75 anos e poder andar, poder fazer minhas coisas.” (IP1, sexo feminino, 75 anos)

A velhice como categoria social, segundo Bosi (1994), era entendida como algo maléfico para a sociedade industrial, uma vez que não representaria uma mão de obra eficiente para o mercado. Quando perguntado aos participantes sobre o que é uma pessoa velha, alguns responderam associando ao trabalho, o de ser útil para si e para o outro:

“Envelhecer é a gente ficar velho, perder todo o vigor, não ter força, né?, a gente gostaria de trabalhar ainda como trabalhava, mas não consegue mais.”
(IP2, sexo masculino, 82 anos).

Ainda no que diz respeito ao envelhecer, este não é um empecilho à vida; entretanto, acredita-se que algumas doenças não sejam consequência apenas do envelhecimento, mas também estão ligadas ao estilo de vida que a sociedade atual vem adotando, como hábitos de tabagismo, etilismo, inatividade física, dentre outros (Neumann, *et al.*, 2014; Veras, 2012).

O participante IP3 (sexo masculino, 80 anos) destaca que percebe o envelhecimento como um período da vida e o associa à dor:

“Olha, envelhecer é o que minha esposa disse, que a gente nasce, a gente tem o período da vida né?, pra andar aqui, depois vai, é... sobe uma escadaria, depois desce uma escadaria, eu creio que sobe por um lado e desce pelo outro, porque pra nascer a mãe sofre as dores, e a velhice ela traz muitas dores também, inclusive na minha vida, eu vejo muita gente velha que vem conversar comigo... falam que vêm as dores; então, eu creio que, pra nós, nascer é com dor e pra sair daqui também é com dor.”

A partir do campo semântico avaliado, em relação ao que os sujeitos consideraram para si sobre o que significa “envelhecer”, houve outras considerações que foram interpretadas como um problema. Vê-se, de forma recorrente, o uso de vocábulos associados à dependência, declínio, sofrimento, solidão. Também é negativa, quando associada ao fim do trabalho, ou seja, ao fim do período produtivo, sentindo-se excluídos pela sociedade devido às suas limitações físicas e com tendência a haver um declínio na qualidade de vida acarretado pelas doenças, incapacidade/dependência, perdas e solidão, conforme ressalta IP4 (sexo feminino, 68 anos):

“Não sei se vão concordar, envelhecer, pra mim, é ficar dentro de casa, assim enferma, velha, fraca; envelhecer, pra mim assim, é ser uma pessoa desprezada.”

No que tange ao processo de envelhecimento no meio rural, observou-se também que, quando questionados sobre as condições de envelhecer nesse contexto, os idosos destacaram possuir uma sobrecarga de trabalho, como destacam os participantes IP5 e IP6:

“Olha, trabalhoso, né?, trabalha bastante. Tem bastante diferença, né?, aqui a gente não descansa, né?, nunca para, né?, o dia inteirinho, é a lida.” (IP5, sexo feminino, 77 anos)

“No meio rural não é fácil, porque eu vim tanto eu como meu esposo, nós viemos da roça, então a gente sabe o trabalho, o sacrifício que a pessoa da roça passa, que não é como morar na cidade, morar como a gente mora aqui em Silveira Martins, há 61 ano já que eu moro aqui, tem uma profissão, a lavoura é faz bem, mas a lavoura tem que ter saúde pra aguentar. Porque a lavoura é um trabalho pesado, não é um trabalho leve, é de sol a sol, é frio, é calor, tem que tá na lavoura.” (IP6, sexo feminino, 79 anos)

Por conseguinte, tal como em relação ao processo de envelhecimento, o envelhecer é aceito como um fenômeno natural para o qual basta estar vivo. Assim o demonstram as falas IP7 e IP8:

“Envelhecer adquirir experiência com o passar do tempo, ter histórias pra contar, ser uma pessoa mais vivida e é isso.” (IP7, sexo feminino, 66 anos)

“É ter mais vida, passar o tempo, porque senão, se tu envelhece, tu morre, não acha isso? não é todos que têm vida longa, né?” (IP8, sexo masculino, 74 anos)

Diante dessa realidade, pode-se observar que os participantes deste estudo compreendem a velhice como um processo normal, quando enfatizam, em suas falas, a saúde, sentimentos de bem-estar (aprendizado e satisfação), como também sentimentos negativos (compreensão da morte) relativos ao processo de vida.

Frente a essas reflexões, cabe tentar compreender o processo de envelhecimento nos diferentes meios em que vivem os idosos, ou seja, no rural ou urbano.

A importância em se delimitar o que é urbano e o que é rural, atentando para evitar distorções, baseia-se na pretensão de prover um instrumento prático para orientar os planejadores e legisladores na definição de políticas públicas, e alocação de recursos, tendo em vista as distintas necessidades do espaço rural (Fossa, & França, 2002).

Rua (2006), em seu estudo, aponta que, no movimento de unificação urbano-rural, embasado por uma lógica capitalista, “surge um ambiente não como um “novo rural”, mas como novas territorialidades, híbridas, mistas de “urbano” e “rural”, em que novas geografias são identificadas”. Ele defende a ideia de “urbanidades no rural”, pleiteando a manutenção de especificidades deste espaço, mesmo quando impactado pela força do urbano. O capitalismo recria um rural, neste processo participante de lógicas complexas, que se integram, desigualmente, a múltiplas escalas que marcam as interações espaciais do mundo atual. Esse processo de integração afeta, sobremaneira, a (re)construção ou a manutenção da identidade social do agricultor e os rebatimentos territoriais desse processo (Rua, 2006).

Mas, de fato, o que é rural? Sorokin, Zimmerman e Galpin (1929) destacam que tal espaço deve ser conceituado de acordo com suas características econômicas, isto é, o rural abriga a produção agropecuária, e todas as demais atividades estão a ela subordinadas de forma secundária. De modo geral, de acordo com os relatos dos interlocutores, o espaço rural é compreendido como aquele ocupado pelo trabalho na agricultura e na criação de gado, marcado por um estilo de vida bem característico, distanciado da violência mais marcante do ambiente urbano. As características mencionadas pelos autores são referidas nas falas dos participantes IP9 e IP10:

“Eu acho que aqui é menos estresse; a gente pode descansar um pouco mais, não tem uns horários tão fixos, né?, que um dia que a gente não tá bem, que quer ficar um pouco de molho a gente fica, né?, então aí tem um lado positivo né?, e também tem toda a natureza que envolve a gente; então, vai muito relaxante, a gente se sente bem, né?” (IP9, sexo feminino, 68 anos)

“Olha, pelo o que a gente fala com todo o mundo, aqui é melhor porque aqui não tem tanto carro, né?, não tem tanto estresse que nem Santa Maria, que é 24 horas por dia, a cidade não para, é um movimento de carro, é pessoa caminhando na rua, Silveira não, Silveira é calmo, aqui não tem muito barulho.” (IP10, sexo masculino, 74 anos)

Nesse sentido, o rural emerge para os moradores como um lugar marcado por características singulares que lhe conferem uma significação particular. O rural abriga a relação do homem com a terra, da criação de animais e de relações familiares pautadas em princípios de reciprocidade e solidariedade na divisão de tarefas. O modo de vida dos agentes do espaço rural é traduzido como algo em que eles acompanham alguma coisa que eles regem e de que participam ativamente como as tarefas domésticas e as da lida na roça. A tranquilidade é percebida como algo natural e que já faz parte do cotidiano; os sons advindos dos animais e dos poucos carros que ali passam reforçam esse silêncio ensurdecedor de que eles tanto gostam, a ponto de qualquer alteração nesse meio chegar a ser sentida como uma intranquilidade, como refere IP11 (sexo feminino, 77 anos):

“Envelhecer na cidade é pior do que tu envelhecê lá na lavoura, entendeu? Porque se tu vai envelhecê na cidade, tu vai ficar assim meio isolado, e se tu tá lá na lavoura, tu tá andando, tu tá caminhando, tu tá enxergando, o como é que vô dizê, tomando ar, ar livre, é assim descontaminado entendeu? E tu lá fora na lavoura, tu pode fazer alguma coisa, tu pode caminhá e na cidade onde é que tu vai ir, dentro da tua casa só, e dentro da casa dos outro, saio do banco e vou pra minha casa, do hospital pra minha casa. Então, isso pra mim não é envelhecê bem.”

Viver a velhice no interior (rural) implica numa possibilidade mais real de estar seguro que no espaço urbano, embora isso também se contraponha a questões problemáticas, recorrentes, como o acesso remoto a serviços de saúde e assistenciais, o que dificulta que tenham suas necessidades asseguradas. Hinck (2004), em seu estudo, aponta que os idosos rurais estão entre os mais vulneráveis no processo de exclusão, pelo fato de apresentarem uma maior vulnerabilidade decorrente da idade, e ainda enfrentam o problema da distância que se encontram dos serviços de saúde, o que pode ser agravado em virtude do isolamento geográfico.

Pode-se observar que, para os idosos praticantes, a velhice é percebida como uma consequência da vida, e uma conquista para quem a vivencia. Na perspectiva do transcurso de suas vidas, nesses contextos rurais, as percepções sobre a velhice entre os diferentes idosos foram marcadas pela compreensão de que se dá no processo de normalidade do curso da vida, mas deixando transparecer, simultaneamente, considerações mais positivas e também

negativas. Trazem consigo o peso do declínio físico, a solidão, a alteração da aparência, que impõem ou um afastamento gradual do trabalho ou fazem o indivíduo “render pouco”.

(2) *Percepções dos idosos sobre suas famílias*

Ao adentrarmos o estudo do processo de envelhecimento, torna-se imprescindível compreendermos o conceito de família, sobre como se configuram as relações entre os membros (as relações de parentesco), de modo a conhecer como as pessoas se comportam, desempenham os papéis e assumem sua identidade psicossocial dentro do grupo. Segundo Ribeiro (1999), o termo família é derivado do latim “famulus” que significa “escravo doméstico”. Este termo foi criado na Roma Antiga para designar um novo grupo social que surgiu entre as tribos latinas, ao serem introduzidas a agricultura e também a escravidão legalizada.

Cada família tem uma lógica própria que se reflete na sua organização para o trabalho e para a vida. Motta (1998) refere-se à família como uma trama de relações sociais, corporificadas em indivíduos que constroem a sua identidade de gênero de vários grupos etários, constituindo-se como gerações, em cuja dinâmica familiar, encontram-se crianças, jovens e adultos plenos ou velhos. Essa trama de relações em que a família vive, nos dias de hoje, transparece neste estudo, quando observamos a declaração de IP12 (sexo feminino, 67 anos):

“É bom, a gente se deu bem, se ajuda, um ajuda o outro e a gente vive assim bem. Quando o nono, por exemplo, tá de aniversário é natal ou páscoa, a gente reúne toda a família né?, a dele e às vezes a gente reúne a minha família né?, então, noutro lugar, então, assim, é muita tranquilidade, compreensão, amor, carinho.”

Para alguns idosos do estudo, a convivência no meio rural aproxima as pessoas; na cidade, no entanto, isso parece ser mais difícil. O próprio espaço doméstico rural facilita a convivência entre gerações. Os filhos crescem, casam, constituem suas famílias e ficam morando nas proximidades da casa dos pais, quando não, junto deles. Na cidade, isso nem sempre é possível, salienta IP13 (sexo masculino, 70 anos):

“Basta estar pra ti ver...; minha relação com meus filhos é muito boa, porque eles não foram morar pra longe, geralmente o filho casa e vai embora, né?, vai pra um lado, vai pra outro, mas meus filhos ficaram tudo perto de mim, nós aqui, a Ana e eu, nossos filhinhos, nossos netinhos tão tudo em volta de nós. Só tenho uma neta que está estudando fora, mas o mais moram tudo aqui, então nós se reunimos, se reúne toda a família, os amigos, e aqui na minha casa é o centro né?, aqui é das atenções, um traz uma coisa, cada um traz algo, chega aqui e se faz um rodízio, precisa disso, precisa daquilo, um ajuda o outro, então temo na nossa família muita união, sabe?”

No que diz respeito à família, as formações familiares são concebidas como conglomerados de pessoas unidas através de laços afetivos e/ou parentalidade que vivem sob o mesmo teto (Dias, & Reinheimer, 2013). Esses laços propiciam as relações de cuidado, atenção, intimidade e proteção, sendo fatores fundamentais para um ambiente harmônico durante o curso de vida (Azevedo, & Modesto, 2016).

Destaca-se ainda que o contexto familiar influencia na criação da própria identidade familiar, que, muitas vezes, é construída através das interações entre as crianças, adolescentes, adultos e os idosos, propiciando, assim, a formação dos vínculos familiares, o que pode ser evidenciado nas falas abaixo:

“Quando se reúnem, é uma festa.” (IP14, sexo feminino, 74 anos)

“Ah a minha relação é boa, né?, porque é eu e o marido e um filho, lá de vez em quando, ele viaja muito né?, só fim de semana que a turma vem.” (IP15, sexo feminino, 63 anos)

Mesmo que a família seja constituída por diversas faces de representações sociais, é notório que a predominância do companheirismo e cuidado está presente na maioria dos discursos, tendo em vista que o ambiente familiar, mesmo com seus conflitos, tem o propósito de acolher, de interagir, de abrigar (Araújo *et al.*, 2016; Azevedo, & Modesto, 2016; Silva *et al.*, 2015), conforme exposto na fala de IP16 (sexo feminino, 82 anos):

“Bem, tá boa, minhas filhas me cuidam fazem as coisas pra mim, quando elas podem porque elas trabalham também, né?, então, quando podem de tarde elas fazem serviço pra mim né?, a faxina, então, durante a semana, não faço

nada, vocês não olham minha casa (risos), durante a semana não faço nada, só a comida pro meu filho, tenho um filho que mora comigo né? e ele trabalha chega na hora e precisa, né?, e a comida, faço ainda, tenho força disposição, tenho uma horta, né?, a recém fui lá na horta, é isso aí.”

A partir da fala da idosa, pode-se observar o cuidado familiar no processo de envelhecimento de seus membros. Desse modo, a própria família demonstra atitudes que amparem de forma adequada o dia a dia dos idosos; além disso, observa-se uma inversão nas relações de cuidado, visto que aqueles que foram cuidados passam, a seguir, a cuidar desses idosos (Medeiros, 2012).

A família dos idosos que vivem no meio rural é a principal fonte de recurso e apoio, uma vez que os serviços sociais de saúde são escassos nesse meio, diante das muitas necessidades dos idosos. Portanto, é possível dizer que a família representa um fator de proteção para o envelhecimento no meio rural. O meio rural traz presente a troca de favores e “a ajuda”, elementos constantes entre as famílias rurais, conforme a frase citada pela entrevistada anteriormente.

Considerações Finais

O presente estudo versou sobre as representações sociais acerca do processo de envelhecimento no meio rural, por parte de idosos, e possibilitou investigar as representações sociais sobre a velhice e os traços culturais, conhecer a estruturação familiar e as relações familiares dos idosos e as redes de suporte social e de lazer dos idosos residentes da zona rural do município de Silveira Martins (RS). A partir dos resultados obtidos, pode-se observar a evidência de cinco tipos de representações sociais do envelhecimento, dentre elas: a representação positiva de ganhos e realização pessoal; a representação negativa associada à perda de saúde e dependência; a visão ativa aliada à manutenção da atividade e ao envelhecer como processo natural; a percepção fragilizada societária ao contexto familiar e a representação positiva com apoio familiar, adjunta aos arranjos e à rede de apoio familiar.

As representações positivas e ativas associam o ser idoso à ideia de experiência e realização pessoal. Dessa forma, refletir acerca do significado do envelhecimento e velhice, por meio dos relatos dos idosos, provavelmente, seja um caminho para entender o significado real da velhice, permitindo aos profissionais de saúde, dentre eles os enfermeiros, planejarem

estratégias fundamentadas na realidade, que permitam proporcionar a manutenção da autonomia e a independência do idoso, tendo como parâmetro a compreensão das alterações decorrentes do envelhecimento, refletidas na velhice, possibilitando a melhoria da qualidade de vida, consoante às condições de saúde em que o idoso se encontra.

É possível notar que as referentes representações negativas estão associadas à perda de saúde do idoso, à medida que vai envelhecendo, e o declínio e dependência que se manifestam na velhice. Apesar das representações negativas, através da análise deste estudo, foi possível observar que a qualidade de vida do idoso é satisfatória, no tocante à vida subjetiva, o conviver em tranquilidade na sociedade, uma vez que a qualidade de vida também está ligada às condições econômicas, ambientais, culturais, para o desenvolvimento de potencialidades dos idosos, além de proporcionar que os mesmos sejam proativos, na aquisição de bens de consumo e quanto à comunicação.

Em suma, das reflexões aqui situadas, surge a certeza da importância de se pensarem novas linhas de investigação que possam originar outros estudos relacionados com o sujeito que envelhece no espaço rural, colocando evidência outras temáticas, ampliando o que aqui se testemunhou em um contexto particular e, assim, ampliando as discussões sobre a velhice no meio rural.

Referências

- Araújo, L. F., Amaral, E. B., & Sá, E. C. (2014). Análise semântica da violência na velhice sob a perspectiva de estudantes do ensino médio. *Revista Kairós-Gerontologia*, 17(2), 105-120. Recuperado em 06 de novembro de 2019, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/21334/15624>.
- Araújo, L. F., Santos, L. M. S., Amaral, E. B., Cardoso, A. C. A., & Negreiros, F. (2016). A musicoterapia no fortalecimento da comunicação entre os idosos institucionalizados. *Revista Kairós-Gerontologia*, 19(Número Especial 22, “Envelhecimento & Velhice”), 191-205. Recuperado em 06 de novembro de 2019, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/32487/22495>.
- Azevedo, P. A. C., & Modesto, C. M. S. (2016). A (re)organização do núcleo de cuidado familiar diante das repercussões da condição crônica por doença cardiovascular. *Saúde em Debate*, 40(110), 183-194. Recuperado em 06 de novembro de 2019, de: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201611014>.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. (3ª ed.). Lisboa, Portugal: Edições 70.
- Beauvoir, S. de. (1990). *A velhice*. (Maria Helena Franco Monteiro, Trad.). (2ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.

- Beltrão, K. I., Camarano, A. A., & Kanso, S. (2004). *Dinâmica populacional brasileira na virada do século XX*. Rio de Janeiro, RJ: IPEA.
- Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo, SP: T.A. Queiroz.
- Dias, M. B., & Reinheimer, T. L. (2013). Homoparentalidade: uma realidade. In: Cordeiro, C. J., & Gomes, J. A. (Orgs.). *Temas contemporâneos de direito das famílias*. São Paulo, SP: Editora Pillares.
- Camarano, A. A., Kanso, S., & Mello, L. L. (1999). Como vive o idoso brasileiro? In: Camarano, A. A. (Org.). *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro, RJ: IPEA.
- Couto, M. C. P. P. (2005). *Fatores de Risco e de Proteção na Promoção de Resiliência no Envelhecimento*. Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre.
- Elsner, V. R., Pavan, F., & Guedes, J. M. (2007). Violência contra o idoso: ignorar ou atuar? *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 4(2), 46-54. Recuperado em 06 de novembro de 2019, de: [file:///C:/Users/Dados/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosofEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/139-Texto%20do%20artigo-557-1-10-20071218%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Dados/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosofEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/139-Texto%20do%20artigo-557-1-10-20071218%20(1).pdf).
- Ferreira-Alves, J., & Novo, R. F. (2006). Avaliação da discriminação social de pessoas idosas em Portugal. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 6(1) 65-77. Recuperado em 06 de novembro de 2019, de: <https://www.redalyc.org/pdf/337/33760105.pdf>.
- Fossa, M. das G. R., & França, M. C. (2002). Uma avaliação dos critérios de classificação da população rural e urbana. In: *XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais*, Minas Gerais (BH).
- Goldfarb, D. C. (2006). Fragilidade e desamparo. *É, Revista do SESC-SP*, 39-41. São Paulo, SP.
- Hartmann, A. C. V. (2008). *Fatores associados à autopercepção de saúde em idosos de Porto Alegre*. Tese de doutorado apresentado para obtenção do título de Doutor em Gerontologia Biomédica. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, RS.
- Hinck, S. (2004). The lived experience of oldest-old rural adults. *Qualitative Health Research, Newbury Park*, 14(6), 779-791. Recuperado em 06 de novembro de 2019, de: DOI: 10.1177/1049732304265774.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2020). *Silveira Martins: população estimada 2019*. Recuperado em 24 de janeiro de 2020, de: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/silveira-martins/panorama>.
- Inouye, K., Pedrazzani, E. S., & Pavarini, S. C. I. (2008), Octogenários e cuidadores: perfil sócio-demográfico e correlação da variável qualidade de vida. *Texto Contexto – Enfermagem*, 17(2), 350-357. Recuperado em 06 de novembro de 2019, de: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000200018>.
- Jodelet, D. (1986). *La representacion social: fenómenos, concepto y teoria*. In: Moscovici, S. (Org.). *Psicología social, II: Pensamiento y vida social. Psicología social y problemas sociales*. (David Rosenbaum, Trad.). Barcelona, España: Ediciones Paidós.
- Jodelet, D. (2001). *Representações Sociais*. Rio de Janeiro (RJ): UERJ.

- Lamond, A. J., Deep, C. A., Allison, M., Langer, R., Reichstadt, J., Moore, D. J., Golshan, S., Ganiats, T. G., & Jeste, D. V. (2009). Measurement and predictors of resilience among community-dwelling older women. *Journal Psychiatry Research*, 43(2), 148-154. Recuperado em 06 de novembro de 2019, de: DOI: 10.1016/j.jpsychires.2008.03.007.
- Lodovici, F. M. M., & Concone, M. H. V. B. (2020). Cultura, envelhecimento e longeviver: diálogos críticos (cap. 3, pp. 64-107). In: Lopes, R. G. C., & Côrte, B. (Orgs.). *Longeviver, Políticas e Mercado – Subsídios para profissionais, educadores e pesquisadores*. São Paulo, SP: Portal Edições.
- Medeiros, P. (2012). Como estaremos na velhice? Reflexões sobre envelhecimento e dependência, abandono e institucionalização. *Revista Polêmica*, 11(3), 439-453. Recuperado em 06 de novembro de 2019, de: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/3734/2616>.
- Minayo, M. C. S., & Firmo, J. O. A. (2019). Longevidade: bônus ou ônus? [Editorial]. *Ciência Saúde Coletiva*, 24(1). Recuperado em 30 novembro, 2019, de: DOI: 10.1590/1413-81232018241.31212018.
- Moreira, V., & Nogueira, F. N. N. (2008). Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. *Psicol. USP*, 19(1), 59-79. Recuperado em 06 de novembro de 2019, de: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642008000100009>.
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: investigações em Psicologia Social*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Moscovici, S. (2012). *Representações sociais: investigações em Psicologia Social*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Motta, A. B. (1998). Reinventando fases: a família do idoso. *Caderno CRH*, 11(29), 69-87. Recuperado em 06 de novembro de 2019, de: <https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/article/view/18694>.
- Neumann, B., Conde, S. R., Lemos, J. R. N., & Moreira, T. R. (2014). Associação entre o estado nutricional e a prevalência de doenças crônicas não transmissíveis em idosos residentes no município de Roca Sales, RS. Passo Fundo, RS: *RBCEH*, 11(2), 166-177. Recuperado em 06 de novembro de 2019, de: [file:///C:/Users/Dados/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/4058-Texto%20do%20artigo-15661-2-10-20150427%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Dados/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/4058-Texto%20do%20artigo-15661-2-10-20150427%20(1).pdf).
- OMS/WHO (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde* / World Health Organization. (Suzana Gontijo, Trad.). Brasília, DF: Organização Pan-Americana da Saúde.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa, Portugal: Gradiva.
- Ribeiro, M. S. (1999). *A questão da família na atualidade*. Florianópolis, SC: Ioesc.
- Rua, J. (2006). Urbanidades no rural: o dever de novas territorialidades. *Revista de Geografia Agrária*, 1(1), 82-106. Recuperado em 06 de novembro de 2019, de: [file:///C:/Users/Dados/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/11781-Texto%20do%20artigo-43706-1-10-20060309%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Dados/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/11781-Texto%20do%20artigo-43706-1-10-20060309%20(1).pdf).
- Silva, D. M., Vilela, A. B. A., De Oliveira, D. C., & Alves, M. (2015). A estrutura da representação social de família para idosos residentes em lares intergeracionais. *Revista*

Enfermagem UERJ, 23(1), 21-26. Recuperado em 06 de novembro de 2019, de: Recuperado em 06 de novembro de 2019, de: DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2015.8739>.

Sorokin, P. A., Zimmerman, C. C., & Galpin, C. J. (1929). Diferenças fundamentais entre o mundo rural e urbano. In: Martins, J. S. *Introdução Crítica à Sociologia Rural*. São Paulo, SP: Hucitec.

Sperber, D. (2002). O estudo antropológico das representações: problemas e perspectivas. In: Thompson, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Thompson, J. B. (2002). *Ideologia e cultura moderna: teoria social dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Veras, R. P. (2012). Um modelo em que todos ganham: mudar e inovar, desafios para o enfrentamento das doenças crônicas entre os idosos. Maringá, PR: *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, 34(1), 3-8. Recuperado em 06 de novembro de 2019, de: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/16181>.

Vieira, E. B. (2004). *Manual de Gerontologia: um Guia Teórico-Prático para Profissionais, Cuidadores e Familiares*. Rio de Janeiro, RJ: Revinter.

Recebido em 30/01/2020

Aceito em 30/04/2020

Jaqueline da Silva Pereira – Terapeuta Ocupacional, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM. Santa Maria, RS. Atua na APAE Santa Cruz do Sul.

E-mail: jaquedsp@outlook.com

Nathana da Silva Siqueira - Terapeuta Ocupacional, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM. Santa Maria, RS.

E-mail: thana.siqueira@gmail.com

Priscilla de Oliveira Reis Alencastro - Técnica Administrativa em Educação. Terapeuta Ocupacional na Universidade Federal de Santa Maria, UFSM. Santa Maria, RS.

E-mail: priscilla.alencastro@ufsm.br

Kayla Araújo Ximenes Aguiar Palma - Terapeuta Ocupacional, Universidade de Fortaleza, UNIFOR. Doutorado em Gerontologia Biomédica, Instituto de Geriatria e Gerontologia IGG/PUCRS. Professora Associada N1, do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Santa Maria, UFSM. Áreas de pesquisa: Envelhecimento, memória, estresse crônico, cuidadores de idosos, aposentadoria, ILPIs e Terapia Ocupacional em Gerontologia e Contexto hospitalar.

E-mail: kaylaguiar@gmail.com

Melissa Agostini Lampert - Médica. Doutora em Clínica Médica, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS. Docente do Curso de Medicina da Universidade Federal de Santa Maria, UFSM.

E-mail: melissa.a.lampert@gmail.com

Aline Sarturi Ponte - Terapeuta Ocupacional. Doutora em Distúrbios da Comunicação Humana na Universidade Federal de Santa Maria, UFSM. Santa Maria, RS.

E-mail: alinesarturi@hotmail.com

Miriam Cabrera Corvelo Delboni - Terapeuta Ocupacional. Doutora em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul, UNISC/RS/Brasil e Universidade do Minho /Braga/Portugal. Docente do Curso de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM.

E-mail: miriamdelboni@gmail.com